



Luz moderna: Racionismo (Mikhail Larionov, 1913)

Um sociólogo no front. A luta, os livros e a morte de Luiz Pereira*

*Heloísa Rodrigues Fernandes e Brasília Sallum Júnior***

Ano: 1964. Local: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Prédio da Maria Antônia. Um grupo de professores constrói ali um espaço que, se já não é de enfrentamento radical, ao menos ainda é de resistência: Florestan Fernandes, Octavio Ianni, Fernando Henrique Cardoso, Luiz Pereira, Marialice Foracchi, Maria Sylvia de Carvalho Franco, Leôncio Martins Rodrigues, Gabriel Cohn, José de Souza Martins e tantos outros. Resistem pouco tempo. Logo depois, as cassações, as fugas, a destruição do que se costumou denominar "o grupo da Sociologia I". Os que restaram receberam o encargo de continuar uma obra que acabava de ser destruída a golpes de martelo. Luiz Pereira foi um dos que permaneceram. Ficou para dizer, lembrar, bradar, em todos os momentos, em todas as brechas e por qualquer fresta que ainda havia pelo que lutar, que era necessário prosseguir, retomando do zero, se preciso, um projeto sempre obrigado a renascer das próprias cinzas: o de transformar a sociedade brasileira.

Didaticamente, Luiz Pereira, falecido em São Paulo na semana passada, apelava à formulação de Freyer: só vê sociologicamente quem quer algo social. Mas, então, o desejo perpassa o sociólogo: entender é transformar. A sociologia só pode ser engajada. E é o desejo de conhecer para transformar que marca o trabalho desse intelectual em todas as frentes de luta que ainda restavam: nas salas de aula, nas pesquisas, na produção de livros e de artigos, na orientação de tantos e inúmeros mestrados e doutorados, de tantos que são hoje professores da USP, Unesp, Unicamp, FGV, UnB e de várias outras universidades do Brasil.

Impossível resumir em poucas linhas as inúmeras trilhas percorridas. No fundo, o mesmo desejo ressoava em todas elas, mudavam apenas as expectativas quanto aos "portadores" da transformação. O próprio Luiz Pereira se encarregou de repensar sua biografia e seu itinerário. Duas preocupações teriam marcado sua produção: educação e desenvolvimento. Inicialmente, é para a

* Publicado na revista mensal Senhor, no. 226, 17/7/1985, p. 80-81.

** Heloisa Fernandes e Brasília Sallum Jr, docentes sociólogos da FFLCH/USP.

educação e para os educadores que ele desloca suas esperanças de mudança da sociedade brasileira e que se revelam nitidamente no seu primeiro livro, *A Escola Numa Área Metropolitana* (1960), como também na coletânea *Educação e Sociedade* (1964), organizada com Marialice Foracchi.

O golpe de 1964 é ducha de água fria em qualquer projeto de transformação gradual e reformista. O confronto, agora, é radical: há que entender o processo de desenvolvimento do capitalismo no Brasil, o processo de acumulação extremamente desigual e concentrado do capital. Em síntese, era preciso destrinchar o modelo de desenvolvimento capitalista associado que, renunciando-se desde o governo Kubitschek, passa pela inflexão decisiva do regime político pós-64 e que Luiz Pereira apreende tão bem em sua obra *Trabalho e Desenvolvimento no Brasil* (1965). Preocupações que seriam desdobradas e aprofundadas em *Ensaio de Sociologia do Desenvolvimento* (1970) e *Estudos sobre o Brasil Contemporâneo* (1971) e nas várias coletâneas que organizou: *Desenvolvimento, Trabalho e Educação* (1967), *Subdesenvolvimento e Desenvolvimento* (1969), *Urbanização e Subdesenvolvimento* (1969) e *Populações Marginais* (1978).

Mas, há ainda a outra face da moeda, o modelo associado exige e pressupõe "um Estado que acione, além dos instrumentos jurídicos mais ou menos autoritários, uma espécie de inculcação ideológica de conteúdo bastante diferente do populismo". Durante o período Médici, houve uma campanha promovida pelo próprio Estado, com o objetivo de produzir urna ocultação profunda do que estava acontecendo em termos sociais, do tipo: "A Nação tranquila que caminha segura e celeremente para o patamar das nações desenvolvidas" (*Banas*, jan. 1976). E Luiz Pereira envereda por esta nova trilha: o Estado planejador, inerente ao capitalismo monopolista, não paira acima deste. Há que entender os aparelhos de Estado, a sua superestrutura jurídico-política e ideológica. Reflexões tão bem condensadas em *Capitalismo. Notas Teóricas* (1977) e *Anotações sobre o Capitalismo* (1977). Luiz termina este percurso com duas novas preocupações: a questão da transição de um modo de produção a outro e a questão da conjuntura política como momento de inflexão das contradições sociais.

Mas entrávamos em 1979 e é *Tanatos* quem obriga Luiz a enveredar por uma outra trilha: a da doença que o venceria a 6 de julho de 1985, com apenas 51 anos de idade. Não obstante, sua obra permanece como lição de vida e bem ao gosto sartriano: o que importa não é o que fizeram de mim, mas o que eu faço com aquilo que de mim fizeram.